



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
ESCOLA SUPERIOR DA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A importância da afetividade em crianças de idade pré-escolar

Rita Miguel da Luz

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professora Doutora Maria Helena Martins

FARO, 2014



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
ESCOLA SUPERIOR DA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO

A importância da afetividade em crianças de idade pré-escolar

Rita Miguel da Luz

Relatório de Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Professora Doutora Maria Helena Martins

FARO, 2014

“A importância da afetividade em crianças de idade pré-escolar”

Declaração de autoria do Relatório de Estágio

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

Nome

Universidade do Algarve. Escola Superior de Educação e Comunicação.

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

Agradecimentos

A realização deste relatório só foi possível graças a todo um conjunto de pessoas, que de diferentes modos me apoiaram na realização deste trabalho, e instituições que nos proporcionaram a sua colaboração e a quem presto o meu agradecimento. Podendo, involuntariamente, incorrer em algum esquecimento, quero agradecer de forma especial:

- À minha orientadora, Professora Doutora Maria Helena Martins, pela sua competente orientação, compreensão, apoio, pela sua disponibilidade e pertinentes observações.
- À Universidade do Algarve, como instituição que me acolheu durante os últimos quatro anos e pela oportunidade que me foi concedida de ingressar neste Mestrado.
- À Comissão Coordenadora do Mestrado por todo o empenho, apoio e esclarecimento de dúvidas prestado.
- A toda a equipa da Instituição que me acolheu e proporcionou a realização do meu estágio, em especial à Educadora Cooperante, à Auxiliar, por toda a transmissão de conhecimentos, disponibilidade e cooperação, e também ao grupo de crianças que me recebeu sempre de braços abertos e com um sorriso.
- À Professora Doutora Maria Helena Horta por todos os ensinamentos e partilha. Pela sua disponibilidade em ouvir e ajudar, pelo apoio e incentivo fundamentais para superar algumas dificuldades, e ainda, pelas pertinentes observações, críticas e conselhos.
- A todas as minhas colegas do Mestrado pelas horas de trabalho e lazer passadas em conjunto, pelas partilhas de aprendizagens e experiências que em muito contribuíram para a minha evolução. Um agradecimento especial à Marta Gonçalves, à Verónica Janota, à Alexandra Delgado e à Margarida Neves por todas as experiências partilhadas, por todo o apoio, encorajamento, pelas horas de escutas intermináveis e pelo privilégio da indiscutível amizade.
- À minha parceira de estágio, Liliana Sousa, por todas as horas passadas em conjunto, pela sua compreensão, apoio e paciência nos momentos mais difíceis. Pelas partilhas e todos os conhecimentos transmitidos, mas acima de tudo pela sua amizade.
- Aos meus amigos de sempre, André Arez, Andreia Daniel, Cátia Sousa, Marta Correia, João Rodrigues, Helena Silva e Carlos Silva, pela paciência, apoio e compreensão nos momentos mais difíceis. Pela preocupação, ajuda e interesse no meu

trabalho e indiscutível amizade. Em particular, ao João Rodrigues pela sua disponibilidade e preciosa ajuda prestada, também, no âmbito informático.

- Ao meu namorado, Domingos Carrasquinho, por todo o apoio prestado durante este percurso, por todo o encorajamento para continuar e compreensão demonstrada.

- À Ana Marques, pela sua preocupação, questionando sobre o meu trabalho e por todo o incentivo para que continuasse.

- Às minhas irmãs Beatriz e Lúcia, pela constante preocupação com o meu trabalho, apoio e incentivo para que terminasse e por todos os momentos de carinho.

- Aos meus primos Tomás e Carlota, por todos os momentos de descontração que me proporcionaram e pelo indiscutível amor e preocupação que me transmitem sempre.

- À minha avó Deolinda por todo o carinho e preocupação para comigo, tendo sido sempre um grande apoio para mim e uma motivação para continuar.

- Ao meu pai por todos os ensinamentos que me deu, pelo carinho e esforço para que chegasse até aqui. Pela indiscutível educação que me deu e por estar sempre presente e disponível. Pelo exemplo que é para mim e por me mostrar que com esforço e trabalho tudo é possível.

- Aos meus tios, Sónia e Paulo, por todos os momentos de apoio e encorajamento, por estarem sempre disponíveis e presentes em tudo. Em especial, à minha tia que conseguiu minimizar a ausência de uma mãe, por todo o amor, desde sempre, que serviu de suporte afetivo e emocional, por todos os ensinamentos e observações que me fizeram crescer.

- À minha mãe, que me deixou com sonhos, com a sua força e determinação.

Resumo

O presente trabalho objetiva analisar a importância da afetividade no processo de desenvolvimento das crianças, apontando para o facto de que a afetividade pode contribuir significativamente para o sucesso de uma criança e a sua vida futura.

As relações afetivas e a afetividade exercem uma importante influência na formação da estrutura sócioemocional do indivíduo, constituindo-se como um mediador fundamental para a aprendizagem. Possibilitam ainda o desenvolvimento das relações interpessoais, fortalecendo os laços de amizade e permitindo desenvolver o respeito, a solidariedade, a generosidade e a confiança que serão decisivos para a formação da personalidade e terão uma importante influência nas relações sociais ao longo da vida.

Neste sentido, foi realizado um estudo com uma amostra constituída por 23 crianças com idades compreendidas entre os quatro e cinco anos.

Para a realização do estudo foi construído um breve questionário aplicado por entrevista às crianças de forma a dar resposta aos objetivos específicos estipulados.

Concluimos que o grupo de crianças investigado revela já ter adquirido conceções sobre o que é para cada um deles a amizade, o melhor amigo e o não amigo.

Palavras-chave: Afetividade; amizade; desenvolvimento da criança; jardim de infância.

Abstract

The present work aims to analyze the importance of objectivity in the process of children's growth, enhancing that affectivity can determine children's success and their future life.

Affectional relations and affectivity exert an important influence on the formation of the socio-emotional structure of the individual, being a fundamental mediator to learning. They also enable the development of interpersonal relations, securing the bonds of friendship and allowing the growth of respect, solidarity, generosity and trust, which will be decisive to the formation of personality and will have a significant influence on social relations throughout life.

Thus, it was conducted a study with a group of twenty-three children with ages between four and five years old.

In order to make the study possible, it was created a brief questionnaire applied by interviews to the children, in order to provide an answer to the specific stipulated goals.

We came to the conclusion that the examined group of children reveals to have already acquired notions of what is friendship, a best friend and a non-friend.

Key-words: Affectivity, friendship, development of the child, kindergarten.

Índice geral

Agradecimentos	iv
Resumo	vi
Abstract.....	vii
Índice geral	viii
Índice de Imagens	x
Índice de Apêndices.....	xi
Introdução.....	1
Capítulo 1. Enquadramento teórico-conceptual	3
1. O afeto e a afetividade.....	3
2. O papel do educador.....	4
3. A importância da afetividade no desenvolvimento	6
Capítulo 2. Metodologia.....	10
1. Natureza do estudo	10
1.1. Questões de pesquisa	12
1.2. Objetivos do estudo	12
1.3. Participantes.....	12
2. Procedimentos metodológicos.....	13
2.1. Delineamento do estudo.....	13
2.2. Enquadramento e diagnóstico	14
2.2.1. Observação direta e observação participante.....	14
2.2.2. Notas de campo	15
2.3. Estratégias de intervenção/ Instrumentos	16
2.3.1. Questionário	16
2.3.2. Leitura e exploração do livro “Amor Monstro” e realização de uma Teia da Amizade.....	17
2.3.3. Leitura e exploração do livro “O Monstro das Festinhas” e realização do jogo a “Caixa dos Afetos”	17
2.3.4. Leitura e exploração do livro “Quem dá um abraço ao Martim” e realização do jogo a “Caixa dos Abraços”	18
3. Procedimentos éticos.....	19
Capítulo 3. Apresentação e análise interpretativa dos dados.....	20

1. Processos e resultados de cada estratégia implementada.....	20
Conclusão/Reflexão.....	28
Referências bibliográficas	31
Apêndices	34

Índice de Imagens

Imagem 1 - Responsável pela atividade e grupo, sentados em roda no tapete durante a explicação da atividade.....	22
Imagem 2 - Realização da teia da amizade, ainda inacabada.....	23
Imagem 3 - Crianças após a realização da atividade, mostrando o que os colegas lhes ofereceram durante o jogo.....	24
Imagem 4 -Criança durante a realização do mural dos afetos.....	25
Imagem 5 -Mural dos afetos terminado.....	26
Imagem 6 -Crianças representando o “Abraço em comboio”	27

Índice de Apêndices

Apêndice 1 – Documento de autorização para imagem, áudio e vídeo.....	35
Apêndice 2 – Questionários.....	37
Apêndice 3 – Planificações das estratégias implementadas.....	61

Introdução

O presente relatório intitulado *A importância da afetividade nas crianças em idade pré-escolar* enquadra-se no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES) e tem como finalidade a obtenção do grau de mestre em Educação Pré-Escolar.

As relações de amizade nas crianças em idade pré-escolar revelam funções importantes em todas as vertentes do comportamento infantil, nomeadamente no desenvolvimento cognitivo, social e emocional (Garcia, 2005).

Efetivamente, as relações afetivas contribuem para o desenvolvimento social das crianças, proporcionando a sua inserção no grupo e na comunidade.

Segundo Ferreira (2004), as relações de amizade podem também contribuir para um desenvolvimento cultural das crianças, através da partilha de saberes, brincadeiras, conversas e, desta forma, contribuir para o desenvolvimento cognitivo da criança.

Hohmann e Weikart (2011) realçam as relações de amizade recíproca referindo que estas permitem às crianças a identificação com crianças que partilham os mesmos gostos, os mesmos interesses, procurando igualdade e reciprocidade na amizade. Neste sentido, defendem que educar com afeto é tanto ou mais importante do que educar com os meios e os recursos pedagógicos ideais, para um adequado desenvolvimento das crianças. É assim importante reter que o educador desempenha um papel extremamente importante na vida e desenvolvimento das crianças. É com este que elas passam grande parte do seu tempo, sendo que o educador deve, por isso, ser uma figura afetuosa para que a criança se sinta desejada e acarinhada no seio da instituição onde se encontra, contribuindo assim para o seu desenvolvimento harmonioso.

Educar com afeto é tanto ou mais importante do que educar com os meios e os recursos pedagógicos ideais, para um adequado desenvolvimento das crianças.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré Escolar, esta temática está inserida na Formação Pessoal e Social, onde está intrínseca a importância das relações com os outros para o desenvolvimento da criança e para a sua inserção na sociedade.

Face ao explicitado anteriormente o presente estudo visa consubstanciar a prática numa instituição de ensino pré-escolar, pretendendo-se desenvolver um projeto no âmbito da afetividade com crianças em idade pré-escolar. A Prática de Ensino

Supervisionada foi concretizada num jardim de infância (IPSS) na cidade de Faro. A instituição é composta por três valências, berçário, creche e jardim de infância.

Assinale-se ainda que, de acordo com o Projeto Educativo da instituição, nomeadamente no que se refere aos objetivos a atingir e estratégias a utilizar, um dos objetivos é precisamente “desenvolver a afetividade”.

O grupo de crianças com que foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada apresenta idades compreendidas entre os três e os quatro anos, sendo um grupo heterogéneo de 23 crianças ($N = 23$), 10 do género feminino e 13 do género masculino.

No sentido concretizar o objetivo proposto, o presente relatório encontra-se estruturado em três capítulos.

Assim, no primeiro capítulo expomos a fundamentação teórica do estudo, a qual se encontra subdividida em três pontos principais.

O segundo capítulo diz respeito às opções metodológicas que tomámos no desenvolvimento do estudo, onde explicitamos as questões de pesquisa e os objetivos do estudo, caracterizam-se os participantes, apresentam-se e justificam-se as técnicas de recolha de dados utilizadas, bem como as estratégias de intervenção utilizadas.

No terceiro capítulo, procedemos à apresentação e análise interpretativa dos dados obtidos a partir das notas de campo.

O relatório termina com a conclusão/reflexão, na qual apresentamos os principais resultados do estudo e a relevância do mesmo. Apresentamos ainda os contributos em termos pessoais e profissionais que se retiram do presente estudo. Segue-se, ainda, um conjunto de referências bibliográficas que nos serviram de suporte à realização do relatório.

Em anexo encontram-se todos os documentos que, dada a sua dimensão, não foi possível integrar no corpo do trabalho.

Capítulo 1. Enquadramento teórico-conceptual

“... Depressa viram que os meninos trabalhavam muito melhor quando se sentiam amados e que o afeto era a única forma de comunicar com eles...”

Isabel Allende in “A Casa dos Espíritos”

1. O afeto e a afetividade

Segundo Kelly (1968) numa obra em que aborda a importância da afetividade na educação “Os estados mentais que se caracterizam pelos sentimentos e pelas emoções denominam-se estados afetivos” (p.62). A afetividade mais não é do que o conjunto de todas essas emoções e sentimentos que a pessoa humana tem a capacidade de experimentar ao longo da sua vida. O afeto, por sua vez, é o sentimento particular de inclinação para alguém, podendo essa inclinação manifestar-se de diversas formas e em diferentes graus: afeição, ternura, carinho, amizade, amor.

A afetividade constitui assim o impulso motor da vida, muitas vezes sem que a pessoa tenha consciência desse facto. Ela está subjacente a toda a ação e condiciona todo o comportamento. É por isso, exatamente, que desempenha um papel tão importante, quer para o próprio indivíduo, quer para a sua relação com os outros. Efetivamente, apesar da tendência racionalista de alguns investigadores para secundarizar o factor afetivo, a sua importância é igualmente inegável na relação educativa, sendo que “As ligações entre pais e filhos, entre mestres e alunos, existem realmente, e é utópico não se querer ter em linha de conta a natureza e querer transformá-la a todo o custo” (Gal, 1980, p.63). A criança estabelece relações de afetividade desde o seu nascimento, desde o contacto no meio familiar, passando depois pela creche e jardim de infância, sendo estas últimas de grande importância, pois são onde a criança, em muitos casos, tem contacto com outras crianças pela primeira vez.

Segundo Cordeiro (2012) uma criança a partir dos três anos já possui um conceito sobre amizade e da importância de ter um amigo. Ou seja, é no pré-escolar que a criança já consegue criar relações afetivas com outras crianças. Neste sentido, à medida que a criança cresce, os colegas desempenham cada vez um papel mais importante no seu desenvolvimento social.

Não obstante possuir já um conceito sobre o que é a amizade, as crianças pequenas apresentam noções de amizade muito diferentes das concepções das crianças mais velhas, adolescentes e adultos, isto porque o ser humano à medida que vai amadurecendo desenvolve e adquire outros conceitos, sendo que estas mudanças não surgem apenas na idade adulta, mas sim desde o decorrer da infância.

Para as crianças o conceito de amizade está condicionado pela proximidade física e pela preferência de atividades. As relações de amizade na infância são baseadas em ações simples, como o brincar ao faz de conta ou a partilha de brinquedos (Rubin, 1982).

Rubin (1982) refere que, numa fase inicial, a amizade é concebida de forma unilateral e egocêntrica, funcionando “somente em termos daquilo que o amigo pode fazer por elas” (p.56). A amizade funciona assim como um fator de proteção social, promovendo a autoestima e o bem-estar da criança.

2. O papel do educador

Segundo Saltini (2008, p. 98) o educador detém um importante papel para o desenvolvimento integral da criança, referindo este que “o educador sensível é aquele que questiona as suas ações baseando-se na abordagem que a criança faz da realidade, verbalizando com as suas capacidades estruturais, funcionais e afetivas”.

A relação exercida entre o educador e a criança permite uma maior aquisição de conhecimentos, sendo que cada momento é compartilhado pelos mesmos enriquecendo a aprendizagem. Esses momentos são representados pelo que chamamos de afetividade.

O papel dos sentimentos e das emoções na educação escolar tem vindo a ser estudado, contudo nem sempre é devidamente apreciado, sendo que alguns investigadores assinalam que esta falta de reconhecimento constitui, manifestamente, um erro muito grave. Em primeiro lugar porque a sociedade escolar é feita de pessoas que reagem umas sobre as outras, e em segundo lugar, porque o êxito escolar depende muito menos de fatores intelectuais do que dos afetivos (Leocádio, 2013).

Educar com afeto é tanto ou mais importante do que educar com todos os meios e recursos pedagógicos ideais, para um adequado desenvolvimento das crianças. É importante assinalar que o educador desempenha um papel crucial na vida das crianças.

Neste sentido, o educador deve ser uma figura afetuosa para que a criança se sinta desejada e acarinhada no seio da instituição onde se encontra, seja ela qual for. Tal facto irá permitir que a criança venha a desenvolver sentimentos básicos de segurança e de confiança em si própria e nos outros, tão importantes para o desenvolvimento emocional. Uma relação afetiva com estas características designa-se por vinculação (Bowlby, 1988).

Na base de uma relação pedagógica equilibrada entre educador e criança deverá estar a afetividade. A criação de uma relação deste género passa pela forma como o educador interage com a criança.

Para Rogers, “(...) só aprendemos aquilo que é realmente relevante para nós com pessoas.” (Sprinthall & Sprinthall, 1993, citado por Esteves, 2005, pág. 2). Para isso é necessário que as experiências decorram em ambientes apropriados, em que seja possível aprender sem constrangimentos nem tensões, proporcionando um bom desenvolvimento ao nível emocional e intelectual. Isto vai depender do tipo de relacionamento interpessoal que o educador desenvolve com a criança.

Se este for um relacionamento frio e pouco afetuoso, não é possível a criação de um ambiente favorável à aprendizagem. Segundo esta teoria, o educador deverá ter três características fundamentais: congruência, aceitação incondicional positiva e empatia. A congruência implica que o educador se mostre como é na realidade, ser “verdadeiro” com ele próprio e com os outros. A aceitação incondicional positiva é o facto de aceitar o outro sem o julgar. A empatia é o ato de dar a entender que compreendemos o que os educandos estão a sentir, que sensações e emoções estão a vivenciar (Siqueira, Neto & Florêncio, 2011). Estas são as competências interpessoais que o educador deve desenvolver, pois permitem que a criança adquira sentimentos de autonomia e estabeleça condições de aprendizagem favoráveis.

Um adequado desenvolvimento da autonomia permite inferir um bom prognóstico quanto ao futuro da criança, visto que leva a uma afirmação positiva da criança enquanto pessoa.

A contenção afetiva e a não securização da criança em situações que provocam um elevado nível de stresse leva a que estas adotem comportamentos desadequados. Parte do educador reverter esta situação enveredando no caminho da educação emocional.

Neste sentido Mauco (1986) defende que “Os melhores métodos pedagógicos devem o seu valor àqueles que o aplicam. Mais vale um método medíocre praticado por

um bom pedagogo com sensibilidade normal, do que um bom método nas mãos de um educador incapaz de dar a sua sensibilidade” (p.2).

É no brincar que o educador assume um papel importante, nomeadamente no desenvolvimento social da criança, procurando ser um modelo do comportamento social, servindo de exemplo para as crianças seguirem através de comportamentos adequados as regras e normas da sociedade (Brás & Reis, 2012).

O educador é encarado pela criança como um modelo a seguir, por isso este deve agir de forma exemplar e transmitir às crianças ensinamentos de forma a fomentar um ambiente social saudável, possibilitando que as crianças se integrem no grupo e que também contribuam para esse ambiente social saudável, promovendo situações de afeto entre as mesmas.

O educador deve manter um olhar atento sobre as crianças dentro e fora do grupo, percebendo assim os seus comportamentos. A afetividade e a amizade desempenham assim um importante papel sendo que o educador deve estimular as relações de afeto entre as crianças, uma vez que segundo Freire (2004) “ter um amigo significa também ter algum apoio e base de reconhecimento social quando se enfrenta e se resolvem problemas” (p.194). Um amigo é uma pessoa que nos apoia e transmite segurança; mesmo para as crianças, um amigo é aquele que está mais próximo e presente nas brincadeiras.

3. A importância da afetividade no desenvolvimento

Atualmente, para além dos conhecimentos académicos a serem transmitidos, cabe à escola, partilhando este papel com a família, uma multiplicidade de objetivos que devem ter em atenção o desenvolvimento integral da criança enquanto ser humano, pelo que esta deve ter como horizonte interesses mais amplos, nomeadamente favorecer o desenvolvimento sócio emocional que possibilite atitudes, sentimentos e atributos que preparem as crianças para a convivência. A escola deve assim funcionar como uma organização que transforme aquele espaço numa rede de comunicação e laços humanos, onde cada um tenha o seu papel na definição do coletivo.

Neste contexto relacional a afetividade é imprescindível ao desenvolvimento da criança e à rentabilidade da sua aprendizagem. Para isso é necessário que o educador seja eficiente no seu envolvimento psicoafetivo.

Na perspectiva do psicanalista Erik Erikson (1950) as crianças até à idade pré-escolar podem passar por três estádios de desenvolvimento social e emocional: confiança *versus* desconfiança, autonomia *versus* vergonha e dúvida e iniciativa *versus* culpa.

Quando a criança vivência experiências com o adulto que conduzem ao aparecimento de sentimentos de confiança, autonomia e iniciativa, esta tenderá a desenvolver atitudes e sentimentos de esperança, aceitação, força de vontade e capacidade para alcançar os seus objetivos.

Stanley e Nancy Greenspan (1985), investigadores clínicos do desenvolvimento infantil, consideram que as crianças até aos quatro anos evoluem significativamente em termos emocionais. Estes investigadores concluíram contudo que o apoio do adulto na vivência de experiências por parte da criança, adequadas à sua idade, é essencial para a construção de um ambiente social e emocional que contribui para o aumento da saúde mental e para a capacidade de aprendizagem da criança.

Efetivamente, durante toda a infância, um dos principais vetores do desenvolvimento, tanto psicológico, cognitivo, como social, é a afetividade. O afeto, indiscutivelmente, está entre as necessidades que precisamos suprir para a garantia da sobrevivência, da vivência e da convivência humana.

No que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo, as relações afetivas podem influenciar de forma positiva na medida que as crianças sentem maior vontade e interesse em aprender com pessoas de quem gostem.

Relativamente ao desenvolvimento social, este também é influenciado pelas relações afetivas, nomeadamente quando a criança se insere em grupos e na sociedade. É através do desenvolvimento social que a criança adquire normas sociais. (Garcia, 2005).

No que diz respeito ao desenvolvimento emocional, este remete-nos para a forma como as crianças lidam com as suas emoções. Moreira (2009) considera que a amizade está dentro da emoção do amor, e que esta se pode identificar em “situações em que sentimos que existe um grupo de pessoas que nos aceitam como nos somos, com quem podemos partilhar as nossas experiências (amizade)” (p.75).

Também Garcia (2005) refere que “A compreensão das emoções e estados mentais do outro, assim como a apreciação das emoções misturadas ou ambivalente, esta relacionada à qualidade das amizades mais próximas” (p.55).

As crianças vão perceber melhor as suas emoções se tiverem amigas mais positivas, uma vez que vão saber lidar de forma mais consciente com as suas próprias emoções e identificar de forma mais clara as emoções das outras crianças.

Consideramos que há uma necessidade, cada vez maior, de o professor construir com o aluno um espaço relacional vivenciado, em que os elementos afetivos e emocionais se tornem indispensáveis, por favorecerem a aquisição adequada dos conhecimentos e da construção da personalidade. Acreditamos ainda que é necessária uma consciência do educador, de que não basta apenas educar para afetividade, é preciso educar na afetividade. Isso implica uma nova práxis, pois o educador que não sabe para que educa e por que educa acaba reproduzindo a educação tradicional que privilegia a razão em detrimento da emoção. Para o educador consciente da importância da afetividade na construção do conhecimento dos seus educandos, toda a ação se torna uma ação de transformação.

A parte afetiva também exerce uma forte influência sobre o cognitivo, pois quando a criança se sente amada, querida e respeitada, pelo professor com certeza que sentirá maior desejo em aprender.

Segundo Piaget existem quatro estágios de desenvolvimento cognitivo, sensório motor, pré-operatório, operações concretas e operações formais. É importante que o educador conheça cada estágio de desenvolvimento e onde a criança se insere, sabendo que a cada etapa a criança tem a oportunidade de crescer intelectualmente e amadurecer as suas emoções, desenvolvendo a afetividade na criança. É neste sentido que Cunha (2008) destaca a importância que o professor deve ter ao procurar conhecer o seu aluno de forma particular, principalmente no que diz respeito aos estágios de desenvolvimento cognitivo em que a criança se insere, para que possa desta forma utilizar os recursos adequados e ao mesmo tempo estimulativos.

Também Saltini (2008) refere que o professor além de conhecimentos teóricos, necessita conhecer a criança, entendê-la, demonstrar disponibilidade de mudança, pois o professor não é dono do saber e a criança deve ser encarada como um sujeito ativo, que deseja aprender de forma ativa e não um mero expectador em que só são repassados os conteúdos sem haver preocupações do educador. Por isso é tão importante entender-se as crianças e praticar uma pedagogia afetiva.

Cunha (2008) acrescenta ainda que, em qualquer circunstância, o primeiro caminho para conquistar a atenção do aprendiz é o afeto. O afeto é assim, para este investigador, um meio facilitador para a educação. Para que aconteça uma prática

pedagógica diferenciada, é necessário a existência de estímulos que transformem a aprendizagem da criança em algo prazeroso. Este investigador defende assim que “(...) o que vai dar qualidade ou modificar a qualidade do aprendizado é o afeto” (p.67).

Face ao explicitado importa referenciar que a pedagogia da afetividade deveria ser aplicada em todas as salas de atividades, demonstrando afeto, sensibilidade, respeito, responsabilidade, dedicação, empatia e principalmente compromisso com o que se faz e para quem se faz. “A educação é uma arte. Não uma mera profissão ser educador. Manipulamos a educação com as duas mãos, a do afeto e a da lei das regras” (Saltini, p.92.)

As relações de amizade contribuem de inúmeras formas para o desenvolvimento da criança e das suas aptidões sociais, nomeadamente na comunicação, interação, contacto e na resolução de conflitos.

A criança não aprende só com o educador ou com a família, a criança aprende com todos os que estão à sua volta sejam eles crianças ou adultos, sendo que o método mais fácil para que a criança aprenda é a brincadeira com outras crianças.

Complementando o que se explicitou Ferreira (2004) refere que “(...) as redes de amizade podem ser vistas como importantes contributos para o processo de reprodução cultural dentro do grupo, porque é com outras crianças que se brinca, conversa, trocam ideias, se constrói e se expande a sua cultura” (p.194).

Tendo como referencial o enquadramento teórico parece assim importante tentar perceber a importância da afetividade para as crianças em idade pré-escolar, justificativa para a realização do presente estudo que passamos a apresentar.

Capítulo 2. Metodologia

Neste capítulo pretendemos descrever as opções metodológicas que orientaram o estudo realizado. Começamos por apresentar a natureza do estudo, bem como, as questões de pesquisa e os objetivos que o guiaram, os participantes e, ainda, os instrumentos de recolha de dados.

1. Natureza do estudo

O presente estudo enquadra-se no paradigma qualitativo, ou seja, visa “a obtenção de dados descritivos mediante contacto direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo” (Neves, 1996). Trata-se de uma metodologia frequentemente utilizada nas ciências da educação, que consiste na recolha de dados qualitativos, atribuindo-lhes um significado interpretativo. Os dados recolhidos, designados qualitativos, são ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico.

A opção por este tipo de metodologia fundamenta-se no facto de que nas pesquisas qualitativas, o pesquisador procura entender os fenómenos segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, tem como objetivo realizar a interpretação dos fenómenos estudados (Almeida & Freire, 2008).

Assinale-se ainda que a pesquisa qualitativa compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam descrever componentes de um sistema complexo de significados. Tem como objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenómenos do mundo social, isto é, trata-se de reduzir a distância entre o indicador e o indicado, entre a teoria e os dados e entre o contexto e a ação (Maanen, s.d., citado por Neves, 1996).

A presença do pesquisador é de extrema importância, atendendo a que o fenómeno estudado só é compreendido de maneira abrangente, se observado no contexto onde ocorre, uma vez que o pesquisador qualitativo cria deliberadamente espaços para o aparecimento de conteúdos e aspetos são previstos inicialmente (Anderson, 2000, citado por Campos, 2000).

Neste sentido a pesquisa qualitativa é predominantemente descritiva, sendo que os dados recolhidos são em forma de texto. Estes dados podem incluir entrevistas transcritas, notas de campo, fotografias, produções pessoais, depoimentos ou outra forma documental (Bogdan & Biklen, 1994, citado por Campos, 2000).

De acordo com Campos (2000) a investigação em geral caracteriza-se por utilizar os conceitos, as teorias, a linguagem, as técnicas e os instrumentos com a finalidade de dar resposta aos problemas e interrogações que se levantam nos mais diversos âmbitos de trabalho.

Face aos propósitos do presente estudo este caracteriza-se como uma investigação-ação, uma vez que se considera o "processo de investigação em espiral", interativo e focado num problema.

Para Kemmis e McTaggart (1988, citados por Matus, 2004, p. 3) “A investigação-ação constitui uma forma de questionamento reflexivo e coletivo de situações sociais, realizado pelos participantes, com vista a melhorar a racionalidade e a justiça das suas próprias práticas e as situações nas quais aquelas práticas são desenvolvidas”. Estes investigadores acrescentam ainda que se está perante uma “investigação na ação quando a investigação é colaborativa, por isso, é importante reconhecer que a investigação ação é desenvolvida através da ação dos membros do grupo” (Fernandes, s.d.. p.3).

É uma metodologia que tem duplo objetivo de ação e investigação, no sentido de obter resultados em ambas as vertentes: na ação para obter mudança numa comunidade e investigação no sentido de aumentar a compreensão por parte do investigador e da comunidade. De uma forma simplificada podemos afirmar que a investigação-ação é uma metodologia de investigação orientada para a melhoria da prática nos diversos campos de ação (Elliott, 1996; Trilla, 1998; citados por Fernandes, s.d. p.4).

Também Chagas (2005, citado por Fernandes, s.d. p.5) refere ainda que a investigação-ação, “usada como uma modalidade de investigação qualitativa, não é entendida pelos tradicionalistas como “verdadeira” investigação, uma vez que está ao serviço de uma causa, a de “promover mudanças sociais” (Bogdan & Biklen, 1994).

1.1. Questões de pesquisa

Tendo como referencial o enquadramento teórico apresentado e partindo do foco principal deste trabalho, delineámos duas questões, que nortearam o desenvolvimento do estudo:

- Qual a influência da afetividade no desenvolvimento das crianças em idade pré-escolar?
- Como orientar a prática pedagógica no jardim de infância para a promoção de comportamentos afetivos, contribuindo para o desenvolvimento moral e social das crianças?

1.2. Objetivos do estudo

De acordo com as questões de pesquisa acima referidas pretende-se, como objetivo geral deste estudo, compreender qual a importância da afetividade nas crianças em idade pré-escolar. De forma a melhor analisar a problemática em estudo delineámos ainda os seguintes objetivos específicos:

- Apurar qual o grau de importância que a afetividade tem para as crianças em idade pré-escolar;
- Analisar de que forma a afetividade influencia o desenvolvimento das crianças em idade pré-escolar;
- Refletir acerca da melhor forma de orientar a prática pedagógica no jardim de infância para promover comportamentos afetivos nas crianças em idade pré-escolar.

1.3. Participantes

Para a realização do presente estudo participaram 23 crianças ($N=23$), sendo 13 do género masculino e 10 do género feminino, todas na faixa etária dos 3 e 4 anos ($M = 3,91$ anos; $DP = 0,29$ anos). Das 23 crianças que compõem o grupo, 15 transitaram juntas do ano anterior. O grupo apresenta alguma distância etária pois algumas crianças fazem

anos no início do ano e as restantes só no final. O grupo estava inserido numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) da cidade de Faro.

2. Procedimentos metodológicos

2.1. Delineamento do estudo

Relativamente à escolha do tema, é importante referir que este surgiu, em concreto, já no decorrer da prática e depois de algumas pesquisas, pareceu ser esta uma temática relevante para o desenvolvimento das crianças em idade pré-escolar e a qual deveria ser trabalhada com as mesmas.

Após um período de observação de várias semanas foi possível constatar que um grande número de crianças se referia a outras, em variadas situações, como não querendo ser mais sua amiga ou que não gostavam uma da outra. Tal ocorria quando uma criança não emprestava um brinquedo ou, apenas, por não quererem a mesma brincadeira. Esta observação levantou-nos algumas interrogações pelo que se optou por explorar com o grupo o tema da afetividade, pretendendo como objetivo principal promover o seu desenvolvimento sócio emocional, isto é desenvolver neste grupo de crianças a sua estrutura afetiva, trabalhando e inculcando valores como a amizade e o respeito mútuo.

Foram utilizados diversos instrumentos de recolha de dados.

Num primeiro momento recorremos ao inquérito por questionário junto das crianças com o intuito de conhecer e compreender as suas conceções relativamente à amizade. O inquérito era constituído por cinco questões, tendo sido, o mesmo, aplicado individualmente e oralmente a cada criança. Este questionário, para além de dar a conhecer as conceções das crianças acerca do tema, tinha como objetivo principal, ajudar na planificação de atividades para o desenvolvimento da afetividade, tendo em conta as necessidades e interesses das crianças.

Num segundo momento, e depois de analisar quais as necessidades do grupo relativamente à afetividade, seguiu-se um conjunto de atividades dinâmicas com o objetivo de desenvolver no grupo a afetividade, nomeadamente através dos valores, como o afeto, respeito, união e um maior sentido de amizade.

2.2. Enquadramento e diagnóstico

Tal como foi anteriormente apresentado, o presente estudo foi delineado após termos constatado, depois de algumas semanas de observação, que o grupo era pouco unido, apesar de algumas crianças estarem juntas desde a sala da creche. Verificou-se que o grupo referia várias vezes frases como “Não sou mais teu amigo” de acordo com a nota de campo registada a 18 de novembro às 11:50h ou “Não gosto mais de ti” de acordo com a nota de campo que se registou dia 12 de fevereiro às 9:16h.

Foi ainda possível observar que, regra geral os rapazes brincavam mais entre si e todos em conjunto, quer no espaço de sala de atividades quer no exterior. Por sua vez, as raparigas tinham dois grupos distintos que não brincavam muito entre si. Assim, um grupo era constituído pelas meninas ditas “mais populares”, que levavam brinquedos para a escola e tinham sempre mais crianças à sua volta, e as mais tímidas que, por sua vez, eram as mais excluídas.

As atividades centraram-se essencialmente em “desfazer” estes grupos e tentar promover o desenvolvimento de laços afetivos, trabalhando esta falta de afetividade entre as crianças, proporcionando momentos de interação em que se relacionassem todas, principalmente no que se refere às crianças que tinham comportamentos menos afetivos.

2.2.1. Observação direta e observação participante

Para que presente estudo se realizasse da melhor forma e com a maior objetividade possível, foi imprescindível recorrer à observação direta e participante. Assinale-se que a observação direta é o único método em investigação que capta no momento os comportamentos em si mesmos, sem a mediação de qualquer documento ou testemunho (Quivy & Campenhoudt, 2003).

O ato de observar é um ato aberto, surge das hipóteses que o investigador leva para o terreno. Neste sentido o investigador procura ser testemunha dos comportamentos sociais dos indivíduos/grupos nos próprios locais das suas atividades sem lhes alterar o ritmo normal.

A observação participante é o método de recolha de dados mais utilizado na metodologia qualitativa, pelo que foi também esta a nossa opção, tendo como objetivo

estabelecer uma adequada participação do pesquisador dentro dos grupos observados, de modo a reduzir a estranheza recíproca.

Refira-se ainda que também Malinowski e Boas (s.d.) (citado por Angrosino, 2008 p.17) eram ambos fortes defensores da pesquisa de campo, propondo aquilo que veio a ser conhecido como observação participante, isto é um modo de pesquisar que coloca o pesquisador no meio da comunidade de estudo.

2.2.2. Notas de campo

Ao longo de todo o estudo foi essencial a utilização de notas de campo, como forma de anotar os registos de observação, para que as observações feitas possam corresponder exatamente ao real.

Notas de campo são registos recolhidos durante uma observação, representando um instrumento de recolha de dados para as pesquisas qualitativas. Para que as anotações estejam de acordo com o objetivo da pesquisa é necessário um planeamento prévio do que deve ser anotado e observado, delimitando claramente o foco da investigação para que o investigador não se desvie da proposta inicial da sua pesquisa. Segundo Lüdke (s.d.), alguns autores como Bogdan e Biklen (s.d) apresentam várias sugestões sobre o que deve ser incluído nas notas de campo. Assim, o conteúdo das observações deve conter uma parte descritiva e uma reflexiva. A parte descritiva compreende um registo detalhado do que ocorre no campo, ou seja:

- i) Descrição dos sujeitos: nomeadamente a sua aparência física, os seus maneirismos, o seu modo de vestir, de falar de agir;
- ii) Reconstrução de diálogos: as palavras, os gestos, os depoimentos, as observações entre os sujeitos ou entre estes e o pesquisador. As citações são extremamente úteis para analisar, interpretar e apresentar dados;
- iii) Descrição dos locais: o ambiente onde é feita a observação deve ser descrito. O uso de desenhos ilustrando a disposição dos móveis, o espaço físico, a apresentação do quadro de giz, dos cartazes dos materiais de classe podem também ser elementos importantes a ser registados;
- iv) Descrição de eventos especiais: as anotações devem incluir o que ocorreu, quem estava envolvido e como se deu esse envolvimento;

- v) Descrição das atitudes: devem ser descritas as atividades gerais e os comportamentos das pessoas observadas, sem deixar de registrar a sequência em que ambos ocorrem;
- vi) Os comportamentos do observador: sendo o principal instrumento da pesquisa, é importante que o observador inclua nas suas anotações as suas atitudes, ações e conversas com os participantes durante o estudo.

2.3.Estratégias de intervenção/ Instrumentos

2.3.1. Questionário

Para o presente estudo utilizou-se um questionário que “ (...) consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, (...) uma série de perguntas relativas à situação social, profissional (...), as suas opiniões, a sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao nível de conhecimento ou de consciência de um acontecimento” (Quivy & Campenhout, 1998, p.188).

A elaboração do questionário pressupõe um conjunto de regras que o investigador deverá seguir, de modo a garantir a fiabilidade do mesmo. Passaremos a descrever o processo relativo à construção e aplicação do questionário, bem como ao tratamento dos dados recolhidos através do mesmo.

Foi redigido o questionário, com o auxílio da orientadora de investigação, tendo por base o questionário já elaborado por Leocádio (2013). A opção pela escolha do questionário pretendeu fundamentalmente “escutar a voz das crianças para conhecer as suas interpretações (...)” (Formosinho, Araújo, Lino, Cruz, Andrade, & Azevedo, 2008, p.57). O objetivo era essencialmente ouvir as crianças e perceber quais as concepções que já tinham acerca da temática.

Para além disso, o objetivo central dos questionários era, através das concepções das crianças, ajudar da melhor forma a planificar e elaborar as atividades junto das crianças, tendo em conta as suas necessidades e interesses. A função do questionário serviu assim de base para uma melhor escolha e realização das atividades a desenvolver com o grupo no sentido de incidir nas áreas de maior necessidade.

O questionário elaborado para a presente investigação foi aplicado através de uma metodologia de entrevista atendendo à idade das crianças. De forma a manter o

anonimato das crianças foi utilizado um código, tendo sido atribuído a cada criança uma letra. Para que este código possa ser mais específico colocou-se depois da respetiva letra da criança a letra F caso o sujeito seja do género feminino, ou a letra M caso seja do género masculino, por exemplo, (LF) é a criança L do género feminino.

O questionário utilizado para o presente estudo é constituído por cinco questões, que foram realizadas individualmente e oralmente a cada criança.

1. O que é para ti ser amigo?
2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?
3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?
4. Quem é teu amigo na sala? E fora da sala?
5. Quem não é teu amigo? Porquê?

Dada a dimensão dos questionários, estes encontram-se disponíveis em anexo. (Ver anexo 2).

2.3.2. Leitura e exploração do livro “Amor Monstro” e realização de uma Teia da Amizade

Esta atividade teve início com o reconto e exploração do livro “Amor Monstro” junto das crianças. Com o auxílio do livro explorámos temas como a importância da amizade, o que é ser amigo, por que razão se deve tratar bem dos amigos e porque é bom ter amigos. Terminada a exploração do livro, introduzimos o conceito da “teia da amizade” e conduzimos o grupo a construir sua teia da amizade.

A planificação desta atividade está disponível em anexo. (Ver anexo 3)

2.3.3 Leitura e exploração do livro “O Monstro das Festinhas” e realização do jogo a “Caixa dos Afetos”

Iniciou-se a atividade com a leitura e exploração do livro “O monstro das festinhas”, que nos deu impulso para a abordagem aos afetos. Questionámos o grupo acerca do que são os afetos, o que sentimos quando recebemos e damos afetos, e por que razão são tão bons. Seguidamente, realizámos com o grupo um jogo denominado “A caixa dos afetos”.

Deste jogo faz parte uma caixa que contém vários cartões com demonstrações de afetos (dar um abraço, dar um beijinho no nariz, dar um beijinho na cara, dar um beijinho na mão, dar uma festinha, oferecer uma flor e oferecer um coração), sendo que o objetivo esperado é que, sentados em roda cada criança de olhos fechados tire um cartão da caixa e o represente para o colega que está sentado ao seu lado direito. Por exemplo, se sair o cartão “dar um beijinho na cara” a criança terá de dar um beijinho na cara do colega.

Decidiu-se ainda construir com o grupo um mural dos afetos, em papel cenário, sendo que neste mural estava presente um arco-íris feito com as mãos de cada criança e ainda o monstro das festinhas, personagem da história, picotado e decorado pelas mesmas. Na barriga do monstrinho estava escrito o que cada um considera serem os afetos.

A planificação da atividade encontra-se disponível em anexo. (Ver anexo 3)

2.3.4. Leitura e exploração do livro “Quem dá um abraço ao Martim” e realização do jogo a “Caixa dos Abraços”

Esta atividade iniciou-se com a leitura e exploração do livro “Quem dá um abraço ao Martim” onde tivemos oportunidade de explorar a importância dos afetos e os vários tipos de afetos.

Optámos por realizar novamente uma caixa dos afetos, como forma de avaliar o desempenho das crianças relativamente à atividade já realizada anteriormente. No entanto, esta caixa tinha uma particularidade diferente, os cartões que continha representavam apenas abraços, os vários tipos de abraços que aparecem no final do livro e que são protagonizados por dois dos personagens, uma ovelha e um coelho. Estes abraços são bastante divertidos e fizeram rir o grupo, a caixa continha o “abraço queda livre”, o “abraço ao contrário”, o “abraço sanduíche”, entre outros. O conceito do jogo é o mesmo, uma criança de olhos fechados tira um cartão e vai protagonizar o abraço representado com os amigos à sua escolha.

A planificação da atividade encontra-se disponível em anexo. (Ver anexo 2)

3. Procedimentos éticos

O sentido de ética profissional não se resume apenas às condutas normativas que devem ser postas em prática como se fossem regras extremamente ditatórias, mas sim a um conjunto de virtudes. Para a realização deste relatório foi extremamente necessário a utilização do sigilo profissional, como forma de preservar a identidade dos participantes. Para que esse sigilo fosse respeitado foi realizado, por nós, um documento solicitando a autorização para a recolha de imagem, áudio e vídeo respeitando e preservando os direitos das crianças, mantendo a sua identidade no anonimato (o documento redigido – Consentimento informado - encontra-se disponível em anexo. Outra das estratégias utilizada como forma de preservar a identidade das crianças foi atribuir a cada uma, uma letra do abecedário, ocultando o seu nome.

Capítulo 3. Apresentação e análise interpretativa dos dados

1. Processos e resultados de cada estratégia implementada

Questionários

No que se refere aos questionários estes foram sujeitos a uma análise qualitativa global. Esta opção fundamentou-se no propósito já anteriormente referido, uma vez que, o objetivo do questionário junto das crianças era meramente informativo, com o intuito de facilitar a escolha das estratégias a utilizar com o grupo para desenvolver a afetividade.

Foi através do questionário e das respostas dadas pelas crianças que se adequou as atividades a realizar, tendo como referência as necessidades do grupo detetadas a partir das respostas das crianças ao questionário.

Em seguida iremos proceder a uma análise geral de cada questão.

Questão 1: “O que é para ti ser amigo?”

Nesta questão 13 das 23 crianças responderam que ser amigo é “brincar”, o que levou a explorar com o grupo a temática que ser amigo não é apenas brincar com ele, é também respeitar o amigo, cuidar do amigo, sermos afectuosos e compreensivos.

Das restantes crianças, 4 crianças responderam “que é partilhar/emprestar brinquedos”, 3 crianças responderam que é “dar abraços”. A análise a estas respostas permitiu constatar que estas respostas foram dadas tendo em conta a temática que a minha parceira de estágio estava a explorar com o grupo. As restantes 3 crianças deram outras respostas.

Questão 2: “O que gostas mais de fazer com os teus amigos?”

Relativamente a esta questão todas as crianças inquiridas responderam que o que gostam mais de fazer com os amigos é “brincar”, sendo que algumas referiram que género de brincadeira preferem, por exemplo, “Brincar no escorrega” ou “Brincar na área da casinha”.

Esta resposta levou a pensar na importância do brincar para esta faixa etária, tendo tido esse fator em conta na hora de planificar as atividades, proporcionando atividades lúdicas e dinâmicas.

Questão 3: “Quem é o teu amigo especial? Porquê?”

Quando questionadas sobre quem é o seu amigo especial, 22 crianças referiram o nome de uma criança da sua sala, sendo que, apenas uma criança referiu os seus amigos especiais como sendo “o papá e a mamã”. Estas respostas permitiram constatar que, talvez, isso aconteça porque mais de metade do grupo já transitou junto do ano anterior e como passam grande parte do seu dia com aqueles amigos é normal que se sintam mais próximos daquelas crianças e que os considerem os mais especiais.

Quando interrogados sobre o porquê de considerarem aqueles amigos os mais especiais as razões mais enunciadas foram: “porque brinco muito com ele”, “porque gosto muito dele”, “porque me empresta brinquedos”, “porque gosto dela/dele” ou “porque é bonito/querida”.

Considerou-se que as crianças referem outras crianças como sendo os seus amigos especiais se estas suprimirem as suas necessidades e interesses.

Questão 4: “Quem é teu amigo na sala? E fora da sala?”

Esta questão tinha como objetivo essencial perceber se as crianças conseguiam distinguir o amigo especial, referido na questão anterior, de outro amigo a sala, e ainda nomear um amigo fora da sala, lembrando-se dele, sendo que não o estavam a ver no momento. De entre todas as crianças, 17 responderam outro amigo, para além do amigo especial referido na questão 3. Estas respostas permitiram concluir que as crianças têm consciência da distinção entre amigo e amigo especial.

Apenas 4 crianças referiram o mesmo amigo e duas crianças referiram o mesmo amigo acrescentando outro.

Questão 5: “Quem não é teu amigo? Porquê?”

Com esta questão pretendia-se como objetivo perceber qual o critério que as crianças utilizam para considerar outra criança como não sendo sua amiga. A partir das suas respostas pretendia-se arranjar estratégias para que fosse mais fácil contrariar essa situação.

Das 23 crianças, 13 referiram a mesma criança como não sendo sua amiga, dando justificações como, por exemplo, “porque ele bate sempre nos amigos.”, “porque ele não brinca comigo e ouvi ele dizer que era da equipa dos maus” ou “porque ele não quer ser amigo dos outros”. As restantes 10 crianças referiram outras crianças como não sendo suas amigas.

Esta questão levou-nos a trabalhar melhor as noções de amizade com o grupo, incidindo sobre a criança eleita mais vezes como não sendo amiga, mostrando às outras crianças aspectos positivos da mesma.

Leitura e exploração do livro “Amor Monstro” e realização de uma Teia da Amizade

Iniciou-se esta estratégia de intervenção pelo reconto do livro “Amor Monstro” de Rachel Bright, já abordado pela minha parceira de estágio noutra contexto. As crianças reagiram bastante bem ao reconto da história revelando recordar-se da mesma. Através desta história abordámos a importância da amizade, como é bom ter um amigo e o que devemos fazer para preservar os amigos.

Quando questionadas acerca da importância da amizade, a criança T respondeu que “É importante porque sem amigos ficamos sozinhos”. A criança R quando questionada sobre o que devemos fazer para preservar os amigos responde que “devemos ser sempre amigos e partilhar os brinquedos”.

De seguida, e seguindo a mesma linha condutora foi construída com o grupo uma teia da amizade. As crianças compreenderam bastante bem o conceito da teia, escolhendo apenas um amigo, mas percebendo que a teia representa a amizade entre todos porque todos as crianças tinham amigos. De acordo com a nota de campo a criança D refere “Só podemos escolher um amigo mas estamos todos ligados pela linha”.



Imagem 1 - Responsável pela atividade e grupo, sentados em roda no tapete durante a explicação da atividade.



Imagem 2 - Realização da teia da amizade, ainda inacabada.

Leitura e exploração do livro “O Monstro das Festinhas” e realização do jogo a “Caixa dos Afetos”

Com esta atividade pretendemos explorar os afetos através do livro “O Monstro das Festinhas” de Carla Antunes. Após a leitura da história seguiu-se um diálogo com o grupo acerca da mesma e da importância de dar afetos, questionando as crianças sobre o que são os afetos, o que sentimos quando recebemos afetos e quando damos afetos aos outros. Pegando no trecho da história “Festinhas na barriga, festinhas no nariz, com muitas festinhas eu fico feliz” as crianças disseram onde mais gostam de receber festinhas, de quem e em que situações.

De acordo com as notas de campo recolhidas a criança M respondeu “Gosto de receber afetos da mãe porque ela cuida de mim quando estou doente e eu fico melhor com os beijinhos”.

Tendo como referencial o que se apresentou pode constatar-se que as crianças revelaram capacidade para responder às perguntas e de interação com o grupo, bem como, de estruturar o seu pensamento e expressá-lo oralmente. Expressaram-se ainda acerca do que consideram ser os afetos e da sua importância.

Terminada a exploração do livro realizámos um jogo em grupo denominado “A caixa dos afetos”, já explicado anteriormente. O objetivo era que as crianças revelassem capacidade de dar afetos, estimulando a sua confiança e a autoestima.

Durante a realização do jogo, a criança A, assim que chegou a sua vez de tirar o cartão, disse que não queria jogar. Questionado, respondeu que estava muito cansado. Esta atitude não me surpreendeu pois esta é uma criança que raramente quer realizar as atividades propostas dizendo sempre que está cansado, no entanto sendo esta uma atividade dinâmica e divertida revelou desinteresse e talvez um certo desconforto por parte da criança na sua realização.



Imagem 3- Crianças após a realização da atividade, mostrando o que os colegas lhes ofereceram durante o jogo.

Outro dos incidentes durante o jogo foi o facto de duas crianças, B e C, começarem a chorar porque o afeto que o colega lhes oferecera não era o que eles queriam. A criança C recebeu um coração e queria uma flor e a B recebeu um beijinho na cara e o que queria era uma flor. Ambas as crianças não quiseram receber o afeto que o colega lhes iria dar nem tirar o seu próprio cartão e retribuir o afeto. Assinale-se no entanto, uma criança, denominada D ao ver a criança C a chorar ofereceu-lhe a flor que ela própria tinha recebido, revelando um gesto de amizade e carinho para com o colega.

O restante grupo revelou estar bastante à vontade com a realização do jogo e com o dar e receber afetos. Um dos meus receios era que algumas crianças, nomeadamente os rapazes, se sentissem constrangidos em dar determinados afetos a

outros rapazes, mas tal não se verificou e o grupo mostrou-se bastante divertido e com gosto em realizar a atividade.

Na dia seguinte foi decidido construir com o grupo um mural dos afetos, em papel cenário. Neste mural iria estar presente um arco-íris feito com as mãos de cada criança e ainda o monstro das festinhas, personagem da história, picotado e decorado pelas mesmas. Na barriga do monstrinho estava escrito o que cada um considera serem os afetos.



Imagem 4 -Criança durante a realização do mural dos afetos.

Esta foi uma atividade muito divertida para as crianças, tendo decorrido muito bem, pois todas as crianças mostraram gostar de molhar os dedos na tinta e carimbar a folha. No que diz respeito às frases, estas demonstraram que as crianças entenderam bem o que são os afetos e foi possível presenciar frases maravilhosas. A criança C refere que os afetos “é quando dou flores à mamã porque gosto muito dela”. A mãe dá-me muitos beijinhos e eu sinto muito amor”. A criança E relata que “É quando eu dou beijinhos ao pai, à mãe e à mana. Quando a mãe me dá maminhos sinto o coração a bater depressa”. Já a criança F assinala que “Quando o pai e a mãe me dão abraços e beijinhos eu sinto que o meu coração gosta deles. (...)” A criança G refere “É beijar a mamã. Gosto muito da mamã e dos beijinhos dela. Parece que tenho um tambor no coração quando a mamã me dá beijinhos”.



Imagem 5 -Mural dos afetos terminado.

Leitura e exploração do livro “Quem dá um abraço ao Martim” e realização do jogo a “Caixa dos Abraços”

Foi ainda decidido explorar com o grupo um livro que se considerou bastante importante abordar durante a exploração desta temática, “Quem dá um abraço ao Martim” de David Melling. Este livro conta a história de um urso que procura um abraço pelos sítios mais improváveis até encontrar o que procurava junto da sua mãe. Com este livro explorou-se com o grupo a importância de sermos amigos uns dos outros, de tratarmos todos com respeito e carinho, e a importância de darmos e retribuirmos gestos de afeto.

Quando se questionou o grupo acerca da importância de sermos todos amigos e de tratarmos todos com respeito e carinho, a criança C respondeu “A minha mãe diz que o respeito é bom e eu dou respeito e carinho para ficarem felizes felizes”.

Explorado o livro optou-se por fazer novamente uma caixa dos afetos, como forma de reavaliar o desempenho das crianças relativamente à atividade já realizada anteriormente. No entanto esta caixa tinha uma particularidade diferente, os cartões que continha representavam apenas abraços, os vários tipos de abraços que aparecem no final do livro e que são protagonizados por dois dos personagens, uma ovelha e um coelho. Estes abraços são bastante divertidos e fizeram rir o grupo, a caixa continha o “abraço queda livre”, o “abraço ao contrário”, o “abraço sanduíche”, entre outros. O

conceito do jogo é o mesmo, uma criança de olhos fechados tira um cartão e vai protagonizar o abraço representado com os amigos que escolher.

As crianças mostraram-se muito à vontade com a atividade e todas quiseram participar, algo que não se verificou aquando da realização do jogo da caixa dos afetos. Tal aspeto deveu-se talvez ao facto de este ser um jogo mais divertido para as crianças, por ser caracterizado por animais, ter tipos de abraços fora do normal e por isso também ser mais dinâmico. A criança B referiu, de acordo com a nota de campo registada que “Dar abraços assim é mais divertido e tem mais amor”.

Foi possível verificar que para a realização deste jogo as crianças escolhiam os seus amigos especiais, de acordo com o respondido na pergunta 3 e 4 do questionário.



Imagem 6-Crianças representando o “Abraço em comboio”

Conclusão/Reflexão

Ao escolher este tema para a realização do presente relatório, sentiu-se a necessidade de criar algumas questões de pesquisa orientadoras que servissem de fio condutor durante todo o estudo.

Inicialmente para a realização deste estudo foi realizado um questionário junto dos sujeitos em estudo, a fim de conhecer as suas concepções acerca da temática em questão.

Da análise às respostas dadas pelas crianças às questões efetuadas, podemos concluir que os questionários foram de extrema importância para perceber quais as concepções das crianças acerca da temática e qual a melhor forma de agir e estratégias a escolher perante o grupo face à abordagem da temática, quer ao nível da conduta pedagógica como futura educadora, dando exemplos positivos à aprendizagem, quer na realização das estratégias implementadas, para que estas fossem ao encontro das necessidades do grupo.

Em seguida foi realizado em conjunto com os sujeitos um conjunto de atividades com o objetivo de sensibilizar e educar para a afetividade, desenvolvendo-a no grupo. No decorrer do estudo foram surgindo outras questões que deram origem aos objetivos de estudo, já apresentados na metodologia.

Como importante consideração final podemos constatar que se verificou que os sujeitos do presente estudo revelaram possuir já concepções consolidadas sobre a temática em estudo e que as relações afetivas são de extrema importância para trabalhar no jardim de infância.

Nesta fase final importa ainda referir que durante o desenvolvimento deste trabalho, foi possível constatar a importância que a afetividade tem como ferramenta facilitadora para o desenvolvimento da criança.

A pedagogia afetiva é a prática que os educadores devem exercer já que os sentimentos e emoções do aluno precisam ser levados em atenção, uma vez que se constituem como um fundamental fator que pode promover o desenvolvimento cognitivo das crianças.

Em suma, a amizade no desenvolvimento da criança é um elemento muito importante a nível do desenvolvimento emocional, afetivo, social e cognitivo, sendo que estes processos estão interligados e as relações de amizade são um dos pontos em comum entre os mesmos.

É através da amizade que as crianças interagem e se integram no jardim de infância. É através das brincadeiras que as crianças aprendem entre si.

Em termos de reflexão pessoal importa ainda tecer algumas considerações. Efetivamente, terminada a licenciatura o meu desejo era ingressar no mestrado em educação pré-escolar, no entanto as inseguranças, os medos e as expectativas de como iria ser o mestrado eram muitas. Neste momento, passado um ano, aqui estou eu com o mestrado a chegar ao fim.

Em relação ao mestrado, no seu âmbito geral, relativamente à sua organização e currículo, só posso fazer um balanço muito positivo. Penso que este foi bem organizado tendo em vista a melhor formação possível dos seus alunos. No entanto, o facto de suportar unidades curriculares e prática pedagógica em simultâneo torna-se um pouco complicado de gerir por parte dos alunos. Ao mesmo tempo que temos unidades curriculares com frequências e trabalhos, temos também um estágio para preparar, com tudo o que isso implica, e ainda a realização do relatório final. Esta foi sem dúvida uma limitação e uma dificuldade com que me deparei.

Durante a fase de investigação deparámo-nos ainda com algumas limitações, nomeadamente, no contexto de Jardim de Infância em que foi realizada, uma vez que o presente estudo foi realizado no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada em simultâneo com as planificações das atividades feitas com o grupo, com as planificações da educadora cooperante, e em simultâneo com as restantes unidades curriculares. O tempo para a realização de atividades relativas à temática em questão foi muito pouco, uma vez que, estando num contexto de jardim de infância existem as datas festivas que são todas comemoradas com o grupo, bem como, as semanas de planificações da minha parceira de estágio.

Tento em conta estes fatores pensa-se que o estudo poderia ter sido realizado de forma mais detalhada e completa, podendo alguns aspectos ter sido mais aprofundados.

Importa ainda referir que o estudo desenvolvido revelou-se bastante gratificante para a formação pessoal e social, sendo que a abordagem de uma temática ainda pouco trabalhada nesta faixa etária, revela-se extremamente importante para a formação de qualquer educador, não apenas pela riqueza dos testemunhos das crianças, como ainda pelas questões que dele podem surgir para futuras investigações.

Com o presente estudo estamos em condições de referir que através dele nos foi possível, aprender, conhecer e perceber um pouco mais acerca da temática da

afetividade e sobretudo da importância das interações sociais, nomeadamente as relações de amizade.

Por último, para finalizar importa ainda referir que a realização do presente estudo também contribuiu para o meu desenvolvimento a nível pessoal, permitindo um maior desenvolvimento das capacidades investigativas, um alargamento de conhecimentos acerca da temática abordada, e estimulação da curiosidade e desejo de saber mais.

Referências bibliográficas

Aires, L. (2011). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Porto: Universidade Aberta. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2028/1/Paradigma%20Qualitativo%20e%20Pr%C3%A1ticas%20de%20Investiga%C3%A7%C3%A3o%20Educacional.pdf>

Almeida, L. S. & Freire, T. (2008). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. 5ª Ed., Braga: Psiquilíbrios.

Angrosino, M. (2008). *Etnografia e observação participante*. São Paulo. ARTMED Editora SA. Consultado a 7 de agosto de 2014. Disponível em: http://www.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=sUfqvzo3Q8C&oi=fnd&pg=PA7&dq=observa%C3%A7%C3%A3o+participante&ots=QPn2Pv_Xu7&sig=zKhznYO2atF6aOBitScgYL6PFao&redir_esc=y#v=onepage&q=observa%C3%A7%C3%A3o%20participante&f=false

Bras, T., & Reis, C. (2012). As aptidões sociais das crianças em idade pré-escolar. *Journal for Educators, Teachers and Trainers*, 3:135-147. Consultado a 22 de Setembro de 2014 em http://digibug.ugr.es/bitstream/10481/27271/1/vol03_10_jett_bras_reis.pdf

Bowlby, J. (1988) *A Secure Base: Parent-Child Attachment and Healthy Human Development*. London: Basic Books.

Brito, Rita. Consultado a 10 de Setembro de 2014. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/ritabrito01/observacao-rita-brito>

Campos, C. J. G. (2000). *Metodologia Qualitativa e Método Clínico Qualitativo: Um panorama geral de seus conceitos e fundamentos*. Consultado a 8 de agosto de 2014. Disponível em: <http://www.sepq.org.br/IIisipeq/anais/pdf/poster1/05.pdf>

Cordeiro, M. (2012). *O Livro da Criança do 1 aos 5 anos*. Lisboa: a esfera dos livros. (6.^aed.)

Cunha, A. E. (2008). *Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Wark.

Esteves, S. (2005). A afetividade e a Relação Pedagógica. Como é que nos conseguimos esquecer de algo tão importante como os afetos!? *Cadernos de Educação de Infância*, 73, Mar/05.

Fernandes, A. (s.d.). *A investigação-acção como metodologia*. Consultado a 3 de Setembro de 2014. Disponível em: http://nautilus.fis.uc.pt/cec/teses/armenio/TESE_Armenio/TESE_Armenio/vti_cnf/TESE_Armenio_web/cap3.pdf

Ferreira, M. (2004). «A gente gosta é de brincar com os meninos!». *Relações sociais entre crianças num jardim de infância*. Porto: Edições Afrontamento.

Formosinho, J., Araújo, S., Lino, D., Cruz, S., Andrade, F. & Azevedo, A. (2008). *A Escola Vista pelas Crianças*. Porto: Porto Editora.

Garcia, A. (2005) *Psicologia da amizade na infância: introdução*. Rio de Janeiro: Vitória

Hohmann, M. & Weikart, D. (2011). Iniciativa e relações interpessoais. In Hohmann, M. & Weikart, D., *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian (6^a ed) (pp.571-624)

Leocádio, C. (2013). *As Relações de Amizade nas crianças em idade pré-escolar*. Faro: Universidade do Algarve.

Moreira, P. (2009). *Emoções e Sentimentos Ilustrados. Para trabalhar com crianças entre 4 e os 10 anos*. Porto: Porto Editora.

Neves, J. L. (1996) Caderno de pesquisa em administração, 1(3), 2º Sem. São Paulo. Pesquisa Qualitativa. Características, usos e possibilidades. São Paulo. Consultado a 8 de agosto de 2014. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf>

Quivy, R. e Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gravidia.

Rubin, Z. (1982). *As Amizades das Crianças*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Saltini, C. J.P. (2008). *Afetividade e Inteligência*. Rio de Janeiro: Wark

Sêco, J. (1997). *Chamados pelo nome. Da Importância da afetividade na educação da adolescência*. Oeiras. Instituto de Inovação Educacional.

Siqueira, Alessandra; Neto, Demuniz; Florêncio, Rute-mara. 2011. *A importância da afetividade na aprendizagem dos alunos*. Consultado a 12 de agosto de 2014. Disponível em: <http://www.faceten.edu.br/Importancia%20da%20afetividade%20na%20aprendizagem.pdf>

Consultado a 15 de setembro de 2014. Disponível em: <http://metodologia43.pbworks.com/w/page/20815342/NOTAS%20DE%20CAMPO>

Apêndices

Apêndice 1 – Documento de autorização para imagem, áudio e vídeo

Assunto: Pedido de autorização

Na qualidade de estagiárias do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve vimos, por este meio, solicitar a vossa autorização para que possamos proceder ao registo fotográfico/vídeo e áudio dos vossos educandos.

Estes registos serão utilizados única e exclusivamente para fins académicos, salvaguardando a identidade de todas as crianças.

Agradecemos desde já a vossa compreensão e disponibilidade.

Faro, ___ / ___ / ___

As estagiárias:

A Educadora

Eu Encarregado de Educação do educando _____

autorizo/ não autorizo (riscar o que não interessa) que o mesmo seja fotografado pelas estagiárias, apenas para fins académicos, salvaguardando a sua identidade.

Assinatura: _____ Data: ___ / ___ / ___

Apêndice 2 – Questionários

Nome: Criança A – Masculino

1. O que é para ti ser amigo?

É brincar e emprestar os brinquedos.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

Brincar

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

O (G), porque brinco muito com ele.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

O (G) e o (N). O meu mano.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

O (X), porque ele bate.

Nome: Criança B – Feminino

1. O que é para ti ser amigo?

É ser bom, emprestar os brinquedos e brincar comigo.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

Brincar a coisas de meninas.

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

A (V), porque gosto do cabelo dela.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

A (V), a (P) e a (J) porque elas trazem coisas novas para a escola que eu gosto.

Gosto muito de brincar com elas e já estou habituada a brincar com elas.

Fora da escola as minhas amigas são as manas e outras amigas.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

O (D) porque nunca brincou comigo.

Nome: Criança C – Masculino

1. O que é para ti ser amigo?

É ir à rua brincar.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

É jogar à bola.

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

O (Z) porque ele é muito giro.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

O (Z). Fora da sala não sei.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

A (O) porque é querida.

Nome: Criança D – Masculino

1. O que é para ti ser amigo?

É não bater.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

Brincar.

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

O (T), porque brinca sempre comigo e joga à bola.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

O (E), porque brincamos sempre juntos.

O Zé da outra sala.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

O (X) porque se porta mal, dá empurrões e bate nos amigos.

Nome: Criança E – Masculino

1. O que é para ti ser amigo?

É brincar uns com os outros.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

Gosto de ir ao cinema e brincar.

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

O (T) porque gosto muito dele.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

A (P) porque é amiga e bonita.

A minha prima.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

O (X) porque ele bate.

Nome: Criança F – Masculino

1. O que é para ti ser amigo?

É uma pessoa que dá abraços e brinca.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

Brincar aos Gormitis.

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

O (U) porque ele me empresta brinquedos.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

O (N) e o (G), porque brincamos sempre juntos.

O Henrique.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

O (X) porque ele não brinca comigo e eu ouvi ele dizer que era da equipa dos maus.

Nome: Criança G – Masculino

1. O que é para ti ser amigo?

É ser educado.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

Brincar com os brinquedos.

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

O (A), porque ele me ajuda e brinca comigo.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

O (A).

Fora da sala não me lembro.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

O (X) porque bate sempre nos amigos.

Nome: Criança H – Feminino

1. O que é para ti ser amigo?

É uma menina que brinca.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

Brincar no escorrega.

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

A (Q) porque ela é querida.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

A (Q).

As minhas manas.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

A (I) porque ela atira brinquedos para o chão.

Nome: Criança I – Feminino

1. O que é para ti ser amigo?

É brincar.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

Brincar na área da casinha.

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

A (L) porque ela quer sempre ser minha amiga.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

A (O).

A Rita.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

O (X) porque ele nunca quer ser amigo dos outros.

Nome: Criança J – Feminino

1. O que é para ti ser amigo?

Todos gostarem uns dos outros.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

Brincar.

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

A (O), porque ela brinca.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

A (B), porque gosto muito dela.

O meu primo.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

O (X) porque ele bate nos amigos.

Nome: Criança L – Feminino

1. O que é para ti ser amigo?

É partilhar muitas coisas.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

Brincar na casinha.

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

A (I), porque gosto muito dela.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

A (I).

A minha mãe.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

Não sei.

Nome: Criança M – Feminino

1. O que é para ti ser amigo?

É partilhar.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

Brincar.

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

O (F), porque ele foi comigo à praia.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

O (A), porque é meu amigo há muito tempo.

O meu pai.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

A (I), porque está sempre a chatear-me.

Nome: Criança N – Masculino

1. O que é para ti ser amigo?

Brincar com os outros.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

Brincar.

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

O (G), porque é meu amigo todos os dias.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

O (A), porque é muito querido.

Não sei.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

O (X) porque ele bate-me.

Nome: Criança O – Feminino

1. O que é para ti ser amigo?

É abraçar.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

Brincar no escorrega.

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

A (P), porque gosta de mim.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

O (X) porque às vezes brinca comigo.

A minha amiga Marta.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

O (F) porque ele diz palavras feias.

Nome: Criança P – Feminino

1. O que é para ti ser amigo?

É dar abraços.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

Brincar.

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

A (O) porque brinca comigo.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

A (B) porque é muito minha amiga.

Os primos.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

A (I) porque ela bate.

Nome: Criança Q – Feminino

1. O que é para ti ser amigo?

É brincar e ser meiguinho.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

Brincar aos bonecos.

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

A (H) porque ela brinca comigo.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

O (A).

Não sei.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

O (G), porque ele não quer.

Nome: Criança R – Masculino

1. O que é para ti ser amigo?

É jogar à bola e gostar com o coração.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

Brincar à bola e fazer experiências.

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

A (Q) porque se porta bem.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

A (J) e o (U) porque brincamos juntos.

O meu mano.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

O (X), porque porta-se mal e bate nos amigos.

Nome: Criança S – Masculino

1. O que é para ti ser amigo?

É brincar e fazer legos.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

Fazer brincadeiras e palhaçadas.

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

O (X) porque quer brincar comigo.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

O (C)e o (Z), porque somos sempre amigos das brincadeiras.

O papá e a mamã.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

O (M), porque nunca quer ser meu amigo e brincar comigo.

Nome: Criança T – Masculino

1. O que é para ti ser amigo?

É brincar.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

Brincar à apanhada.

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

O (E), porque brincamos juntos com o meu carro.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

O (F), porque sabe brincar.

Não sei.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

O (X), porque dá murros.

Nome: Criança U – Masculino

1. O que é para ti ser amigo?

É brincar.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

Jogar à bola.

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

O (F), porque gosta de mim.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

O (D) porque não batemos.

A mana.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

O (X), porque se porta mal.

Nome: Criança V – Feminino

1. O que é para ti ser amigo?

São bons e brincam

.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

Gosto de ler histórias.

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

A (B) porque eu gosto muito de brincar com ela.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

A (P), porque fazemos brincadeiras que eu gosto.

A prima.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

O (X) porque ele não brinca comigo.

Nome: Criança X – Masculino

1. O que é para ti ser amigo?

É fazer coisas boas e desenhos bonitos.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

Gosto de brincar com eles.

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

A (B), porque é minha amiga e gosta muito de mim.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

O (E) e o (T) porque brincam comigo.

Não sei.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

O (F) e o (U) porque disseram que não eram meus amigos.

Nome: Criança Z – Masculino

1. O que é para ti ser amigo?

Os amigos são bons.

2. O que gostas mais de fazer com os teus amigos?

Gosto de fazer jogos.

3. Quem é o teu amigo especial? Porquê?

A mamã e o papá porque me dão mimosinhos.

4. Quem é teu amigo na sala? Porquê?

E fora da sala?

O (C) porque gosta de mim.

Não sei.

5. Quem não é teu amigo?

Porquê?

O (X) porque ele bate.

Apêndice 3 - Planificações das estratégias implementadas

Planificação Semanal Jardim de Infância Arco Iris Sala dos Saltaricos Educadora Raquel Cruz				Semana de 7, 8 e 9 de abril Estagiária Rita Luz			
Áreas de Conteúdo (domínios)	Objetivos	Competências (saberes/capacidades/atitudes)	Estratégias/Atividades	Gestão do Ambiente Educativo		Avaliação	
				Espaço/Tempo/Grupo	Recursos Humanos e Materiais	Indicadores	Instrumentos
<p>Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p>Área de formação pessoal e social</p> <p>Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita</p> <p>Área de formação pessoal e social</p> <p>Domínio da expressão plástica</p>	<p>Desenvolver o gosto pela leitura;</p> <p>Fomentar o diálogo;</p> <p>Contacto com o código escrito e a com a rima presente na história;</p> <p>Desenvolver a afetividade no grupo;</p> <p>Educar para os valores;</p>	<p>Capacidade de comentar a história de forma autónoma;</p> <p>Capacidade de responder a perguntas;</p> <p>Capacidade de reconto;</p> <p>Ser capaz de dialogar sobre o tema explorado;</p> <p>Reconhecer modos de interagir na procura do seu bem próprio e do outro;</p> <p>Capacidade em identificar e expressar afetos;</p> <p>Capacidade de interação;</p>	<p>Reconto e exploração da história “Amor monstro” de Rachel Bright.</p> <p>Construção de uma teia da amizade.</p> <p>Leitura e exploração do livro “O monstro das festinhas” de Carla Antunes.</p> <p>Realização de um jogo “A caixa dos afetos”.</p> <p>Construção de um mural sobre o que são os afetos.</p>	<p>Espaço: sala</p> <p>Tempo: 60 minutos</p> <p>Grupo: grande grupo</p> <p>Espaço: sala</p> <p>Tempo: 60 minutos</p> <p>Grupo: grande grupo</p> <p>Espaço: sala</p> <p>Tempo: período da manhã</p> <p>Grupo: grande grupo</p>	<p>Humanos: 23 Crianças; Estagiárias; Educadora; Auxiliar.</p> <p>Materiais: Livros; cartolina; lâ; fotografias das crianças; caixa dosafetos; papel cenário; tintas;</p>	<p>Capacidade de interacção entre o grupo;</p> <p>Capacidade de definir o que são os afetos/afetividade;</p> <p>Capacidade em reconhecer afetos;</p> <p>Capacidade de dar e receber afetos.</p>	<p>Observação directa;</p> <p>Notas de campo;</p> <p>Registo fotográfico e vídeo;</p>

Planificação Semanal Jardim de Infância Arco Iris Sala dos Saltaricos Educadora Raquel Cruz				Semana de 6, 7 e 8 de maio Estagiária Rita Luz			
Áreas de Conteúdo (domínios)	Objetivos	Competências (saberes/capacidades/attitudes)	Estratégias/Atividades	Gestão do Ambiente Educativo		Avaliação	
				Espaço/Tempo/Grupo	Recursos Humanos e Materiais	Indicadores	Instrumentos
Domínio da expressão plástica	Estimular o sentido estético e a motricidade fina;	Ser criativo;	Picotar o monstro das festinhas;	Espaço: sala	Humanos: 23 Crianças; Estagiárias; Educadora; Auxiliar.	Sabe respeitar o material;	Observação directa;
Formação pessoal e social	Desenvolver a capacidade de se exprimir oralmente;	Manuseia correctamente os materiais;	Colar e decorar os monstros para colocar no mural dos afetos.	Tempo: 60 minutos Grupo: grande grupo		Revela criatividade;	Diálogo com as crianças;
Domínio da matemática	Efectuar a classificação e a seriação das figuras geométricas; Identificar as figuras geométricas;	Ter a capacidade de se exprimir oralmente acerca dos afetos;	Cada criança diz o que considera serem os afetos para ser escrito na barriga do seu monstrosinho.	Espaço: sala Tempo: 60 minutos Grupo: individual	Materiais: Monstrosinhos; Tinhas; Material de picotagem; Figuras geométricas básicas (triângulo, quadrado, rectângulo; círculo); Músicas; Computador; Projector;	Sabe exprimir-se acerca dos afectos;	Registo áudio e fotográfico;
Domínio da expressão musical	Explorar através da música as figuras geométricas e o seu nome em português e inglês; Estimular para o gosto pela música, compreendendo	Demonstra saber o que são os afetos;	Exploração das formas geométricas, suas características e formação de conjuntos.	Espaço: sala Tempo: 60 minutos Grupo: grande grupo.		Reconhece as figuras geométricas e consegue agrupa-las segundo diferentes características	Diários de campo;
		Conhece as figuras geométricas, nome a características;					
		Agrupa as figuras geométricas segundo diferentes características;					
		Sabe escutar a música;	Exploração e aprendizagem de duas canções sobre as figuras geométricas, uma em português e outra em inglês.			Reconhece as figuras geométricas presentes nas músicas;	
		Consegue reproduzi-la;					

	que é necessário escutar e cantar;						
--	---------------------------------------	--	--	--	--	--	--

Planificação Semanal Jardim de Infância Arco Iris Sala dos Saltaricos Educadora Raquel Cruz				Semana de 19, 20 e 21 de maio Estagiária Rita Luz			
Áreas de Conteúdo (domínios)	Objetivos	Competências (saberes/capacidades/attitudes)	Estratégias/Atividades	Gestão do Ambiente Educativo		Avaliação	
				Espaço/Tempo/Grupo	Recursos Humanos e Materiais	Indicadores	Instrumentos
Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita	Estimular para o gosto da leitura;	Sabe escutar e expressar-se acerca da história;	Leitura e exploração da história “Quem dá um abraço ao Martim” de David Melling.	Espaço: sala Tempo: 30 minutos Grupo: grande grupo	Humanos: 23 Crianças; Estagiárias; Educadora; Auxiliar. Materiais: Livro; Jogo;	Participa ativamente no jogo; Revela interesse e à vontade na atividade;	Observação direta; Diálogo com as crianças;
Área de formação pessoal e social	Desenvolver a auto estima e os afetos de forma lúdica e divertida; Despertar para a importância de dar abraços a quem gostamos;	Revela atitudes de carinho para com os outros;	Realização de um jogo “Vamos dar abraços”.	Espaço: sala Tempo: 40 minutos Grupo: grande grupo		Revela gosto em abraçar os amigos;	Registo fotográfico e vídeo; Diários de campo;
Domínio da expressão motora	*	*	*	*			